

Andrzej Wierciński, *Existential Hermeneutics: Understanding as the Mode of Being in the World*, (Münster: Lit Verlag: 2020), 560 pp. ISBN: 9783643911513

Consideramos esta obra inovadora e importante na reflexão sobre as relações hermenêuticas hoje necessárias entre Filosofia e Teologia; ela representa além disso um conhecimento profundo de toda a tradição da Hermenêutica filosófica e do pensamento de teólogos católicos que nela se inspiraram para efetuar uma renovação da problemática da fé.

É justamente na Hermenêutica, na sua dupla vertente filosófica e teológica, que A. Wierciński se baseia para afirmar hoje o significado e interesse de uma Teologia renovada que possa refletir seriamente sobre a questão dos pressupostos antropológicos da fé. A abertura da Hermenêutica filosófica à problemática teológica funda-se, neste texto, numa antropologia que parte da finitude humana e das suas perguntas fundamentais. Para o filósofo, a Hermenêutica não é uma metodologia das ciências humanas, tal como aconteceu com a época romântica e com a da consciência histórica. É pelo contrário uma filosofia prática e política, na linha daquela que foi defendida por H.-G. Gadamer. Ora, enquanto forma de pensamento que defende, a partir de Gadamer, a abertura ao outro como traço antropológico fundamental, a Hermenêutica franqueia segundo Wierciński a via à relação da Filosofia com a Teologia; com efeito após Gadamer e Ricoeur, a Hermenêutica não abre apenas o espaço possível entre eu e o outro, mas também entre o humano e o divino, entre a Filosofia e a Teologia. Para o autor a revelação e a insistência hermenêutica no primado da interpretação não são de modo algum atitudes opostas, sendo possível considerar a Hermenêutica como uma mediação fundamental entre a Filosofia e a Teologia. Na verdade, ela liga problemas e questões suscitadas a partir da tradição filosófica e teológica com enigmas muito concretos do nosso mundo contemporâneo e pode contribuir de modo muito claro para recuperar *insights* teológicos e filosóficos muito importantes. Claro que a obra, em apreço, sabe e reconhece que M. Heidegger postulou a exclusão da Teologia do âmbito da Filosofia e reiterou a autonomia desta; no entanto o seu autor acredita e defende que tal tese deve ser repensada hermenêuticamente. Wierciński considera as duas exclusões insustentáveis, nos nossos dias e, na sequência dos filósofos H.- G. Gadamer e P. Ricoeur, contesta a divisão metodológica e a separação destas disciplinas. Refere, com pormenor, a transição heideggeriana do Catolicismo para o Protestantismo e ainda a grande crítica deste filósofo à escolástica que, na sua opinião, confinou a filosofia e a teologia ao primado da consciência teórica dominante. De acordo com Heidegger, lembra-nos Wierciński, a Teologia precisava fundamentalmente de voltar às suas origens, isto é, à fé no Novo Testamento. Com efeito, para o filósofo alemão, a noção católica de fé e as hipóteses básicas do cristianismo pressupunham formulações teóricas do divino, elaboradas ainda de acordo com uma conceitualização metafísica; uma filosofia da religião baseada neste tipo de pressuposições teológicas não tinha assim qualquer futuro. Apropriando-se então da linguagem teológica e mística,

Heidegger quis desconstruir a tradição teológica e abrir-se a uma Teologia que está ainda por vir.

Ora, são justamente os seus discípulos, B. Welte e G. Siewerth, tal como os grandes vultos da Hermenêutica filosófica contemporânea, H.-G. Gadamer e P. Ricoeur, que permitem ao autor, desta obra *Existentia Hermeneutica*, ultrapassar o horizonte metafísico da Teologia e da Filosofia e pugnar pela sua relação hermenêutica fundamental. A obra em apreço baseia-se nos trabalhos de Welte e Siewerth em ordem a afirmar que Deus está presente, apesar de tudo, no pensamento de Heidegger e afirmar que os discípulos, já referidos, procuraram encontrar reiteradamente em Heidegger o divino que já não é o ser.

Do filósofo H.-G. Gadamer, cujo pensamento a obra conhece em profundidade, sublinha-se a importância do efeito que nele teve a hermenêutica heideggeriana da facticidade e, neste sentido, os escritos teológicos de juventude do filósofo e a sua reinterpretação da *phronesis* aristotélica. Gadamer situa-se no horizonte da praxis humana, a sua Hermenêutica filosófica é uma filosofia da finitude e do concreto e não uma teoria abstrata. Daí, como bem sublinha Wiercin's, toda a relevância da questão ética e do problema da deliberação, a importância da linguagem e a valorização que neste âmbito o filósofo faz, em *Verdade e método*, da teologia cristã da encarnação e da sua relação com a palavra. Com efeito, Gadamer é um exemplo da proveitosa relação da Filosofia com a Teologia, quando nos mostra, contra a ideia grega da separação do pensamento e da linguagem, que só a teologia medieval da trindade permitiu pensar, pela primeira vez, a unidade humana de pensar e falar. Quanto a Paul Ricoeur, ao qual esta obra dedica várias páginas e nomeia como o filósofo crente e o crente que filosofa, valoriza-se a heterogeneidade do seu pensamento e ainda o facto do filósofo sublinhar a importância de uma hermenêutica do testemunho que se situa sempre no horizonte da tradição cristã. Apesar de o filósofo francês separar reiteradamente e de forma consistente, a sua filosofia da sua crença religiosa, *Existentia hermenêutica* considera que a fé do filósofo francês influenciou, sem dúvida, a sua Filosofia. A obra reconhece ainda que a distinção ricoeuriana entre Filosofia e Teologia, sempre assumida e reafirmada, se manifesta claramente nos seus textos, na maioria filosóficos e que mesmo nos textos em que o filósofo reflete sobre a revelação bíblica, ele continua a ser um filósofo que consegue realizar uma poética da fé. Afirma-se também que P.Ricoeur sabe muito de Teologia contemporânea, particularmente do pensamento teológico protestante.

Wierciński considera, neste texto, que o filósofo francês, sendo claramente consciente da limitação das duas áreas, Filosofia e Teologia, encoraja a sua coexistência. Conclui assim que a Hermenêutica contemporânea exige que se repense, a vários níveis, a relação tensa entre estes dois âmbitos; com efeito, enquanto ela é uma zona do saber que negocia o espaço entre discursos diferentes, ela exige que tais disputas sejam refletidas de novo, uma vez que os termos do problema mudam a cada geração. Se na sua idade hermenêutica, a Filosofia perdeu a pretensão de falar a partir de uma razão pura, então caem por terra a maior parte dos considerandos contra aquilo

a que Wierciński chama a inclusão da Teologia na Filosofia. Com efeito, de acordo com esta obra, a maioria dos argumentos a favor de tal incorporação eram baseados no facto de a Filosofia poder libertar-se das situações culturais enquanto a Teologia era absolutamente condicionada pela história e pela cultura. Ora, hoje a Hermenêutica ajuda-nos a reconhecer que a Filosofia é um fenómeno cultural, tal como a Teologia; se as duas são um modo de vida humano, então nenhuma tem o privilégio sobre a outra; só pensando e conservando as suas diferenças, a Hermenêutica mantém uma base fundamental para o diálogo com a Teologia.

A obra termina com uma reflexão sobre a revelação poética, na qual se sublinha o papel da linguagem como *medium* da experiência hermenêutica e ainda com uma reflexão interessante sobre o futuro da Hermenêutica.

Maria Luísa Portocarrero F. Silva

Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação,

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Unidade I&D CECH

Email: mlp600@gmail.com

ORCID: 0000-0002-1288-9535

DOI: [https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_58\\_9](https://doi.org/10.14195/0872-0851_58_9)